

REVISEA

REVISTA SERGIPANA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Educação de candomblé: os ensinamentos de Òsányin e Iroco para uma educação ambiental crítica

Candomblé education: the teachings of Òsányin and Iroco for critical environmental education

Educación de candomblé: las enseñanzas de Òsányin e Iroco para una educación ambiental crítica

**José Eduardo Andrade NETO¹
Lia Midori Meyer NASCIMENTO²
Tainan Amorim SANTANA³**

Submetido em: 07/02/2025

Aceito em: 24/02/2025

Publicado em: 17/05/2025

RESUMO

Este estudo teórico investiga a integração da Educação Ambiental Crítica (EAC) com os saberes tradicionais afro-brasileiros, focando nos ensinamentos dos orixás *Iroco* e *Òsányin*, conforme preservados no Candomblé. A pesquisa busca compreender como essa articulação pode contribuir para a formação de sujeitos críticos e para a transformação socioambiental. Partindo da vivência pessoal de um dos autores como *abian* do *Ilê Axé Omíojoidan* e fundamentado na literatura acadêmica pertinente, o estudo propõe um diálogo que valoriza o conhecimento científico e

¹ Universidade Federal de Sergipe, Campus Professor Alberto Carvalho.

² Universidade Federal de Sergipe, Campus Professor Alberto Carvalho.

³ Universidade Federal de Sergipe, Campus Professor Alberto Carvalho.



saberes ancestrais. A análise destaca a importância de uma educação que, além de crítica, seja culturalmente relevante, promovendo uma consciência ambiental integrada à valorização da identidade cultural afro-brasileira. O trabalho sugere que a EAC, quando enriquecida pelos ensinamentos do Candomblé, tem o potencial de formar cidadãos mais conscientes e preparados para enfrentar os desafios socioambientais contemporâneos, ao mesmo tempo em que preserva e promove o respeito às tradições culturais.

Palavras-chave: Formação Crítica; *Hungbê*; Orixá; Saberes Tradicionais.

ABSTRACT

This theoretical study investigates the integration of Critical Environmental Education (CEE) with Afro-Brazilian traditional knowledge, focusing on the teachings of the orixás *Iroco* and *Ọsányin*, as preserved in Candomblé. The research seeks to understand how this articulation can contribute to the formation of critical individuals and socio-environmental transformation. Grounded on the personal experience of one of the authors as an *abian* of *Ilê Axé Omíojoidan* and supported by relevant academic literature, the study proposes a dialogue that values both scientific knowledge and ancestral wisdom. The analysis highlights the importance of an education that is not only critical but also culturally relevant, promoting environmental awareness integrated with the appreciation of Afro-Brazilian cultural identity. The work suggests that CEE, enriched by the teachings of Candomblé, has the potential to form more conscious citizens, better equipped to face contemporary socio-environmental challenges, while also preserving and respecting cultural traditions.

Keywords: Critical Formation; *Hungbê*; Orixá; Traditional Knowledge.

RESUMEN

Este estudio teórico investiga la integración de la Educación Ambiental Crítica (EAC) con los saberes tradicionales afrobrasileños, enfocándose en las enseñanzas de los orixás *Iroco* y *Ọsányin*, según se preservan en el Candomblé. La investigación busca comprender cómo esta articulación puede contribuir a la formación de sujetos críticos y a la transformación socioambiental. Basado en la experiencia personal de uno de los autores como *abian* del *Ilê Axé Omíojoidan* y fundamentada en la literatura académica pertinente, la investigación propone un diálogo que valora tanto el conocimiento científico como la sabiduría ancestral. El análisis destaca la importancia de una educación que, además de crítica, sea culturalmente relevante, promoviendo una conciencia ambiental integrada con la valorización de la identidad cultural afrobrasileña. El trabajo sugiere que la EAC, enriquecida por las enseñanzas del Candomblé, tiene el potencial de formar ciudadanos más conscientes y preparados para enfrentar los desafíos socioambientales contemporáneos, al tiempo que preserva y promueve el respeto a las tradiciones culturales.

Palabras clave: Formación Crítica; *Hungbê*; Orixá; Saberes Tradicionales.



1 INTRODUÇÃO

Na construção histórica, as religiões de origem africana e sua influência sobre os afro-brasileiros e os povos indígenas tiveram um papel importante na formação da identidade cultural brasileira introduzida durante o período colonial (Alves et al., 2019). Porém, ao longo do processo histórico, diversas estratégias têm sido utilizadas com o objetivo de controlar diferentes grupos sociais, marcando-os como grupos perigosos. Isto, porque se acredita que representam uma ameaça à ordem estabelecida, neste caso, à elite dominante branca baseada em princípios religiosos ocidentais, e por conseguinte, no cristianismo (Macrae, 2016).

Apesar de séculos de tentativas de subjugação, de epistemicídio e de invisibilização dos conhecimentos produzidos pelos povos negros no Brasil, há, no presente, um deslocamento nas possibilidades de compreensão desses saberes e em seus possíveis usos investigativos para a produção de conhecimentos (Nascimento, 2020).

A resistência ao domínio colonial levou a comunidade do Candomblé a se organizar em torno de políticas que restauraram elementos divididos pela escravidão e pelo colonialismo, a se estruturar em torno da imagem de uma família e a se organizar com base na antiguidade, para configurar o acesso a locais de poder (Lima, 2003).

A Educação Ambiental Crítica (EAC) busca questionar e transformar as relações de poder, sociais e ambientais que perpetuam a desigualdade e a degradação do ambiente (Leff, 2012). Nesse contexto, os ensinamentos do Candomblé, com suas raízes profundamente entrelaçadas à natureza e ao respeito pelos ciclos de vida, oferecem uma visão holística que pode enriquecer a prática da EAC.

Os rituais e mitos do Candomblé, como aqueles relacionados a *Iroco* e *Òsányin*, revelam uma relação simbiótica entre o ser humano e a natureza, onde as



árvores, folhas e elementos naturais não são apenas recursos, mas entidades sagradas, carregadas de significados culturais e espirituais. Essa visão promove um senso de responsabilidade coletiva para com o ambiente, onde a preservação da natureza está intrinsecamente ligada à manutenção da identidade cultural dessas comunidades tradicionais religiosas (Verger, 2018).

Além disso, o Candomblé, ao estruturar-se em torno de uma ética comunitária que transcende divisões sociais impostas pelo colonialismo, oferece um modelo alternativo de organização social que valoriza a antiguidade, a sabedoria ancestral e o respeito pelo outro, independentemente de cor, gênero ou classe social (Lima, 2003). Essa estrutura pode servir como uma base inspiradora para a EAC, que também busca superar as barreiras impostas por uma educação fragmentada e tecnicista, promovendo uma educação que seja inclusiva, participativa e centrada na justiça social e ambiental.

Diante da crescente crise socioambiental e da marginalização dos saberes tradicionais, torna-se essencial reavaliar as abordagens educativas que visam preparar as futuras gerações para enfrentar esses desafios. Diante desse contexto, surge a necessidade de investigar: Como a integração da EAC e dos saberes tradicionais afro-brasileiros, especificamente os ensinamentos de *Iroco* e *Òsányin*, pode contribuir para a formação de sujeitos críticos e para a transformação socioambiental nos espaços educacionais? Esta pergunta norteadora busca explorar as possibilidades e os desafios dessa integração, propondo uma abordagem educativa que seja ao mesmo tempo culturalmente relevante e ambientalmente consciente.

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo promover o diálogo entre os saberes tradicionais afro-brasileiros, provenientes da Educação de Candomblé, e a EAC através da integração dos ensinamentos dos orixás *Iroco* e *Òsányin*, visando analisar sua contribuição para a formação de sujeitos críticos e conscientes da interconexão entre cultura, natureza e sociedade.



Este estudo teórico foi concebido a partir da vivência pessoal de um dos autores enquanto candomblecista e *abian* do *Ilê Axé Omíojoidan*, onde teve a oportunidade de imergir nos ensinamentos e nas práticas tradicionais que permeiam o Candomblé. A profunda conexão com esses saberes ancestrais não só moldou a compreensão da relação entre cultura e natureza, mas também inspirou a necessidade do autor de investigar como esses conhecimentos podem enriquecer a EAC.

Além disso, a fundamentação deste trabalho buscou, na literatura, reflexões que estejam em diálogo com as principais teorias e estudos da área, como por exemplo Botelho (2011); Flor do Nascimento (2020); Conceição e Miranda (2021); Carvalho (2004; 2017); Simas e Rufino (2019; 2020); Verger (1995); Verrangia (2010; 2013); Prandi (2020), que foram os aportes bibliográficos utilizados para a construção dessa pesquisa, buscando construir um conhecimento que possa caminhar tanto no espaço acadêmico, quanto no espaço vivencial.

2 CANDOMBLÉ E EDUCAÇÃO: CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DO HUNGBÊ

No Candomblé, os processos educativos são concebidos de forma integral, sem a fragmentação do conhecimento em disciplinas isoladas. Valores éticos e filosóficos são incorporados ao cotidiano, promovendo uma educação que se estende por toda a vida e visa o desenvolvimento pleno do ser em todas as suas potencialidades, oferecendo subsídios necessários para a construção de identidades positivas e o fortalecimento do amor próprio. (Botelho, 2011). A inter-relação entre espaços de educação e contextos culturais específicos é fundamental para a construção de um ensino crítico, inclusivo e reflexivo.

Sob essa ótica, a Educação de Candomblé, conforme defendida por Botelho e Flor do Nascimento (2012), caracteriza-se por uma abordagem integral, onde o saber não é fragmentado em disciplinas isoladas, mas sim uma soma de valores



éticos e filosóficos incorporados ao cotidiano nos espaços de formação (Verrangia, 2013).

No contexto do Candomblé, essa abordagem educativa se entrelaça profundamente com a preservação da herança religiosa e cultural africana, atuando como um bastião de resistência contra a opressão, dominação e exclusão. O Candomblé promove a valorização da particularidade negra no patrimônio cultural brasileiro, e seus rituais simbolizam momentos críticos da vida social, marcando a integração do indivíduo à sociedade e enfatizando a educação moral (Botelho; Flor do Nascimento, 2012).

A educação de Candomblé é coletiva e social, com todos os membros da comunidade, especialmente os mais velhos, assumindo a responsabilidade pelo processo educativo. A aprendizagem ocorre principalmente por meio da oralidade, com conhecimentos sendo transmitidos de geração em geração através de histórias, mitos e cantigas, promovendo relações humanas e convivência harmoniosa (Flor do Nascimento; Botelho, 2020).

A hierarquia presente nos terreiros de Candomblé desempenha um papel fundamental na transmissão de saberes e valores. Longe de ser uma estrutura que impede a educação libertadora, como sugerido pela teoria de Paulo Freire, a hierarquia no Candomblé facilita a educação dos adeptos ao estruturar o aprendizado de acordo com o tempo de iniciação e o nível de responsabilidade de cada membro. Essa organização permite que os ensinamentos sejam passados de forma gradual e respeitosa, garantindo que os iniciados compreendam profundamente os significados dos rituais e a importância dos valores culturais e espirituais que são transmitidos (Savendra; Pereira, 2023).

Dentro dessa dinâmica, o respeito pelos mais velhos e pelas tradições não é apenas uma formalidade, mas sim um elemento central na construção do saber. O processo educativo no Candomblé é, portanto, uma prática viva, onde o aprendizado



acontece através da observação, da escuta e da participação direta nas atividades. Isso contrasta fortemente com a educação formal, que muitas vezes privilegia a transmissão de conhecimento de maneira linear e descontextualizada (Conceição; Miranda, 2021).

A oralidade é um dos pilares da educação no Candomblé, funcionando como o principal meio de transmissão de conhecimento e tradição. As histórias, mitos, cantos e ensinamentos são passados de geração em geração, preservando a cultura e a memória coletiva da comunidade (Verrangia; Silva, 2010). Essa ênfase na oralidade reforça a importância da escuta ativa e da participação comunitária, onde cada membro do terreiro, independentemente da idade, contribui para a manutenção do saber tradicional (Machado, 2005).

Além disso, a memória desempenha um papel crucial na educação de Candomblé. A construção da identidade dos adeptos está profundamente ligada à memória coletiva, que é constantemente reavivada através das práticas religiosas e do convívio no terreiro. Esta forma de educação não formal, que privilegia a memória e a oralidade, contribui para a formação de uma consciência crítica e uma identidade cultural sólida, aspectos fundamentais para a resistência contra a opressão cultural e racial que essas comunidades enfrentam (Halbwachs, 2006; Conceição; Miranda, 2021).

Outro aspecto relevante da educação no Candomblé é a estreita ligação entre os ensinamentos religiosos e a educação ambiental. Nos terreiros, a natureza é vista como sagrada, e o cuidado com o ambiente é parte integrante das práticas religiosas. A coleta sustentável de folhas sagradas, por exemplo, é ensinada como uma prática necessária para a manutenção do equilíbrio ecológico e espiritual. Este enfoque educativo reforça a importância da sustentabilidade e da conservação ambiental, destacando a interdependência entre o homem e a natureza, conceitos que são



essenciais para a prática religiosa e que podem ser aplicados em contextos mais amplos de educação ambiental crítica (Conceição; Miranda, 2021).

Os princípios educativos do Candomblé oferecem lições valiosas para a educação formal. A valorização da oralidade, da memória e da experiência prática nos terreiros contrasta com as abordagens mais comuns na educação escolar, que muitas vezes desconsideram esses elementos em favor de métodos mais convencionais e padronizados de ensino (Verrangia, 2010). Integrar esses princípios na educação formal poderia enriquecer o processo de aprendizagem, especialmente em contextos multiculturais, ao reconhecer e incorporar os saberes tradicionais e comunitários como parte legítima do currículo escolar (Munanga, 1986; Verrangia, 2010; Gomes, 2012).

3 ÒRISÀ IROCO: A CONEXÃO ENTRE CÉU E TERRA NA TRADIÇÃO

Dentro deste contexto cultural, a figura do Orixá *Iroco*, uma grande árvore gameleira, é de extrema importância. *Iroco* é reverenciado como uma divindade ancestral, uma presença sagrada nos terreiros de Candomblé. Sua origem está no culto do Orixá *Iroco*, da nação *Ketu*, simbolizado pela gameleira-branca, que nos *itãs* foi a primeira árvore plantada no mundo (Balbino, 2017). Ele está relacionado à passagem do tempo, às mudanças eminentes e às quatro estações do ano, demonstra que é essencial respeitar e cuidar das árvores usadas nos ritos, sendo frequentemente chamado de Tempo devido à associação com o Nkisi Kitembo da nação Angola (Marini, 2023).

Orixá *Iroco* também está ligado à longevidade e à preservação do tempo, sendo comum nos terreiros o assentamento de *Iroco*, que possui funções práticas e espirituais: a prática de coletar água da chuva; e a espiritual de oferecer longevidade àqueles que possuem o assentamento em seu Ilê (Conceição, 2008).



Iroco, a sagrada gameleira branca (*Ficus gomelleira*), é muito mais do que uma simples árvore nos terreiros de Candomblé. Representando a ligação entre o céu e a terra, *Iroco* é um símbolo poderoso de continuidade e reconexão com as raízes africanas, especialmente no contexto da diáspora (Botelho; Flor do Nascimento, 2012). A sua presença nos terreiros marca o solo como sagrado, transformando o espaço profano em território consagrado, um processo que Bastide (2000) descreve na sua obra como a africanização da pátria do exílio.

A importância de *Iroco* vai além do simbolismo, pois ele atua como uma ponte entre o mundo dos homens e o dos Orixás, ligando o Brasil à África em uma dimensão espiritual. Este orixá não apenas conecta os dois mundos, mas também carrega consigo a história da resistência e da sobrevivência cultural dos povos africanos trazidos para as Américas (Simas; Rufino, 2020). Através das raízes de *Iroco*, que se estendem pelo oceano, os Orixás são capazes de atender aos chamados dos seus devotos, reforçando a ideia de que o Candomblé é uma recriação da África no Brasil, um espaço onde a espiritualidade e a cultura se fundem para preservar a identidade afro-brasileira (Braga, 1995; Botelho; Flor do Nascimento, 2012; Simas; Rufino, 2019).

Iroco também nos ensina sobre o tempo e a sua relação com a natureza e os ciclos de vida. No contexto das narrativas familiares e culturais, *Iroco* é visto como uma entidade que transcende o tempo, conectando as gerações passadas com as presentes e futuras (Simas; Rufino, 2020). Este orixá é um lembrete constante da importância de honrar os antepassados e de reconhecer a continuidade da vida através das tradições que se mantêm vivas nos terreiros. Como relata Carvalho (1998), reverenciar *Iroco* é também reverenciar a própria história de vida e as lições passadas através das gerações.

Além disso, a associação de *Iroco* com as *Iyá Mi Osorongá*, as Mães Ancestrais, revela seu papel na manutenção da ordem e do equilíbrio no mundo.



Iroco, como juiz entre as forças, demonstra a dualidade presente na vida e na natureza, sendo capaz tanto de proteger quanto de punir. Este aspecto do orixá reflete a complexidade da vida, na qual as forças opostas coexistem e necessitam de equilíbrio para manter a harmonia no mundo. O culto a *Iroco* e às *Iyá Mi Osorongá*, portanto, é uma prática de respeito e reverência às forças que governam a fertilidade, a vida e a morte, assegurando o bem-estar da comunidade e a continuidade das tradições (Conceição, 2008).

Iroco, como orixá das grandes árvores, também ensina sobre resiliência e a adaptação cultural (Simas; Rufino, 2019). A sua figura, que atravessou o oceano e se enraizou em solo brasileiro, simboliza a capacidade de resistência e transformação dos povos africanos na diáspora. Essa ressignificação das tradições, como destaca Gilroy (2001), é um processo contínuo de recriação e adaptação, onde as comunidades afrodescendentes reconstróem suas identidades e mantêm viva a memória coletiva através das práticas culturais e religiosas.

4 ÒRISÀ ÒSÁNYIN: O GUARDIÃO DAS FOLHAS E O CONHECIMENTO ANCESTRAL

Òsányin, o orixá das folhas e das ervas, é uma figura central na cosmovisão do Candomblé, sendo responsável pelo conhecimento profundo das plantas e suas propriedades curativas. A sua importância transcende o aspecto meramente ritualístico, destacando-se como um guardião do saber tradicional, especialmente no que se refere à utilização das ervas medicinais para o cuidado da saúde (Barros; Napoleão, 1999).

O ditado iorubá "*Kó sí ewé, kó sí orisá*", que significa "sem folha, sem orixá", encapsula perfeitamente a importância de Òsányin, já que nenhuma cerimônia religiosa no Candomblé pode ocorrer sem a presença e a aprovação das folhas sagradas (Barros; Napoleão, 1999). Òsányin ensina que as folhas, mais do que



simples elementos da natureza, são detentoras de um poder espiritual e medicinal, um axé que deve ser tratado com respeito e reverência. Cada folha carrega em si um conhecimento ancestral, que pode ser liberado apenas quando *Ọsányin* concede a permissão. Este respeito pelo poder das folhas reflete a profunda conexão entre o ser humano e a natureza no Candomblé, onde a sabedoria e o conhecimento sobre as plantas são transmitidos através das gerações, mantendo viva a tradição e fortalecendo a identidade cultural dos praticantes (Verger, 2018).

A história mítica de *Ọsányin*, como aquele que guarda o segredo das folhas, também ilustra a importância da distribuição do conhecimento de maneira equilibrada. No mito em que *Sangô* tenta obter o poder das folhas, *Ọsányin* demonstra sua sabedoria ao permitir que cada orixá receba algumas folhas, mas deixando claro que o verdadeiro poder das plantas permanece sob seu domínio (Prandi, 2020). Este mito simboliza a importância da partilha do conhecimento, mas também ressalta que o controle e a preservação desse saber são fundamentais para manter a ordem e o equilíbrio nas práticas religiosas (Marini, 2023).

Além disso, *Ọsányin* nos ensina sobre a interconexão entre a saúde física e espiritual. As plantas e ervas que ele guarda não são apenas para a cura do corpo, mas também para o fortalecimento espiritual dos indivíduos. A prática de cantar para as folhas, pedindo a liberação de seu poder curativo, reflete a crença de que a cura envolve tanto o corpo quanto a alma, e que a natureza é uma aliada indispensável nesse processo (Mourão Sá, 2005).

Nos terreiros, o espaço dedicado ao cultivo das ervas e árvores utilizadas nos rituais de *Ọsányin* é sagrado. Este local não é apenas um jardim, mas um espaço de conexão com a natureza, onde o conhecimento sobre as plantas é cuidadosamente preservado e transmitido. Portanto, a reverência pelas plantas e a consciência ecológica que permeia a prática de *Ọsányin* no Candomblé são elementos que podem ser integrados às práticas de Educação Ambiental Crítica,



promovendo uma maior consciência sobre a sustentabilidade e o uso responsável dos recursos naturais (Machado, 2005).

O papel de *Òsányin* na saúde comunitária também é um aspecto fundamental. Em comunidades de terreiro, onde muitas vezes o acesso ao sistema de saúde convencional é limitado, o conhecimento das ervas medicinais se torna uma ferramenta vital para a sobrevivência e o bem-estar. *Òsányin*, através dos seus ensinamentos sobre as plantas, capacita as comunidades a cuidarem de si mesmas, utilizando o que a natureza oferece de forma consciente e respeitosa. Este conhecimento tradicional é uma forma de resistência e de afirmação cultural, mantendo vivas práticas ancestrais que foram, por muito tempo, marginalizadas (Barros; Napoleão, 1999).

5 DIÁLOGOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA COM A EDUCAÇÃO DE CANDOMBLÉ

Os aspectos culturais e religiosos apresentados se conectam diretamente com a EAC que, por sua vez, visa formar sujeitos ecológicos críticos, promovendo valores e condutas sociais voltadas para a resolução de problemas cotidianos. A crise ambiental atual exige uma mudança de atitudes e paradigmas, e a EAC propõe problematizar o conhecimento fracionado em disciplinas, promovendo uma visão holística das relações entre sociedade e natureza (Leff, 2012). Tal perspectiva busca estimular o pensamento autônomo, crítico e racional, permitindo que os indivíduos reflitam sobre as inter-relações sociais e ambientais e atuem de maneira responsável (Carvalho, 2017).

A EAC também enfatiza a importância da interdisciplinaridade e da transversalidade no currículo escolar, desafiando a fragmentação do conhecimento em disciplinas isoladas (Carvalho, 2004). Essa abordagem permite uma visão mais holística dos problemas ambientais, ajudando a revelar as conexões complexas entre fatores sociais, econômicos, políticos e culturais. Assim, a EAC não apenas



educa para a preservação ambiental, mas também para a justiça social, integrando essas duas dimensões em um processo contínuo de aprendizagem e ação (Lima, 2015).

EAC é a necessidade de desenvolver nos indivíduos uma consciência crítica e um senso de responsabilidade global (Carvalho, 2012; Silveira; Lorenzetti, 2021). Através da problematização das questões ambientais e sociais, a EAC busca formar cidadãos capazes de questionar o modelo de desenvolvimento dominante e propor alternativas que promovam o bem-estar coletivo e a sustentabilidade. Isso envolve a formação de sujeitos autônomos e reflexivos, que compreendem seu papel na sociedade e agem de forma responsável em relação ao ambiente (Leff, 2012).

Ademais, a EAC alerta para a necessidade de repensar as estruturas de poder que influenciam as relações sociais e ambientais. Ao problematizar as dinâmicas de poder e as desigualdades que permeiam a sociedade, a EAC promove uma visão crítica que desafia o status quo e busca transformar as relações socioambientais em direção a uma maior equidade e sustentabilidade (Silveira; Lorenzetti, 2021).

A Educação de Candomblé e a EAC compartilham uma visão integradora e crítica do conhecimento, valorizando a interconexão entre cultura, natureza e sociedade. Ambas as abordagens promovem a criticidade, a responsabilidade social e a valorização do conhecimento tradicional, buscando formar indivíduos capazes de atuar de maneira consciente e transformadora em suas comunidades.

Assim, os conhecimentos advindos dos cultos a *Iroco* e *Ọsányin* no Candomblé não apenas reforçam a importância da preservação ambiental, mas também evidenciam a necessidade de uma educação que valorize e respeite a sabedoria acumulada ao longo dos tempos sobre a natureza, contribuindo para uma visão mais ampla e consciente das interações entre sociedade e ambiente.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação no Candomblé e a EAC compartilham uma visão integradora, na qual a interconexão entre cultura, natureza e sociedade é central para a formação de indivíduos críticos e conscientes. O Candomblé, com sua abordagem integral e sua ênfase na oralidade, na memória e na prática comunitária, oferece uma rica fonte de ensinamentos que podem ser incorporados às práticas educativas, especialmente no contexto da EAC.

A valorização dos saberes tradicionais, como os ensinamentos de *Iroco* e *Òsányin*, não apenas enriquece o processo educativo, mas também promove uma consciência ambiental que é simultaneamente cultural e espiritual. A EAC, por sua vez, ao promover a problematização das relações de poder e das desigualdades socioambientais, encontra no Candomblé um aliado poderoso para a construção de uma educação que não se limita à transmissão de conhecimentos fragmentados, mas que busca transformar a realidade a partir de uma perspectiva crítica e emancipatória.

Ao integrar os valores e as práticas do Candomblé na EAC, é possível formar sujeitos ecológicos que, além de compreenderem a importância da preservação ambiental, valorizam e respeitam a sabedoria ancestral, tornando-se agentes de mudança em suas comunidades. As implicações dessa integração para o campo da EAC são significativas. Primeiramente, ela aponta para a necessidade de uma maior abertura da EAC para os conhecimentos tradicionais e comunitários, reconhecendo que esses saberes podem oferecer soluções inovadoras e culturalmente apropriadas para os desafios ambientais. Em segundo lugar, a valorização desses saberes pode fortalecer a EAC como um campo que não apenas aborda questões ecológicas, mas que também promove a justiça social e a equidade cultural.

Por fim, a incorporação dos ensinamentos do Candomblé na EAC pode contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas e



transformadoras, que reconheçam a diversidade de experiências e perspectivas como fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e sustentável. Assim, os conhecimentos tradicionais preservados nos cultos a *Iroco* e *Òsányin* não apenas reforçam a importância de uma educação ambiental crítica, mas também evidenciam a necessidade de uma educação que seja capaz de dialogar com diferentes formas de conhecimento, promovendo uma visão mais ampla, consciente e transformadora das interações entre sociedade e ambiente. Essa integração é fundamental para enfrentar os desafios contemporâneos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e ecologicamente equilibrada.

REFERÊNCIAS

ALVES, K. C. H.; POVH, J. A.; PORTUGUEZ, A. P. Etnobotânica de plantas ritualísticas na prática religiosa de matriz africana no município de Ituiutaba, Minas Gerais. **Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**, v. 4, p. 1- 10, 2019.

BALBINO, E. **Num tronco de Iroco vi a iúna cantar**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2017.

BARROS, J. F. P.; NAPOLEÃO, E. **Ewé òrisà: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé jeje-nagô**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BASTIDE, R. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BOTELHO, D.; FLOR DO NASCIMENTO, W. Educação e religiosidades afro-brasileiras: a experiência dos candomblés. **Participação**, Brasília, n. 17, jan. 2012.

BOTELHO, P F. Ewé awo: o segredo das folhas no candomblé da Bahia. **Educação, Gestão e Sociedade: Revista da Faculdade Eça de Queiros**, ano 1, n. 4, p. 01-13, 2011.

BRAGA, J. **Na gamela do feitiço: repressão e resistência nos candomblés da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 1995.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez Editora, 2017.



CARVALHO, I. C.M. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: MMA/ Secretaria Executiva/ Diretoria de Educação Ambiental (Org.). **Identities da educação ambiental brasileira**. Brasília: MMA, 2004.

CARVALHO, J. J. de. **A tradição mística afro-brasileira**. Brasília: Editora da UnB, 1998.

CONCEIÇÃO, A. da S.; MIRANDA, E. de O. Terreiro de candomblé como espaço de saberes educacionais: memória de criança. In: **Livro de Anais da Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira**, p. 190-196, 2022.

GILROY, P. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34, 2001.

GOMES, N. L. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem fronteira**, v.12, p. 98-109, 2012.

HALBWACHS, M. **A memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LEFF, E. **Aventuras da epistemologia ambiental: da articulação das ciências ao diálogo de saberes**. Rio de Janeiro: Garland, 2012.

LIMA, G. P. Educação Ambiental Crítica: Da concepção à prática. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, v. 2, n. 1, p. 33-54, 2015.

LIMA, V. da C. **A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrúpicos**. Salvador: Corrupio, 2003.

MACHADO, V. da S. **Mitos afro-brasileiros e vivências educacionais**. Salvador: Secretaria Municipal da Educação e Cultura, 2005.

MACRAE, E. Canabis, racismo, resistência cultural e espiritualidade. In: MACRAE, Edward; ALVES, Wagner Coutinho. **Fumo de Angola: canabis, racismo, resistência cultural e espiritualidade**. Salvador: Edufba, 2016. p. 25-60.

MARINI, B. S. O espaço geográfico para o adepto do batuque. **Revista Caminhos Do Pampa: Revista Do Instituto Histórico E Geográfico De Alegrete**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 138–150, 2023.

MOURÃO SÁ, L. Atitude transdisciplinar - Pertencimento. In: **Anais do II Congresso Mundial de Transdisciplinaridade**, Vitória – ES, julho, 2005. Apoio à Fundação de Empreendimentos Científicos e Tecnológicos – FINATEC – BRASÍLIA/DF.



MUNANGA, K. **Superando o racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, W. F. do. Enterreirando a investigação: sobre um ethos da pesquisa sobre subjetividades. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 72, n. SPE, p. 199-208, 2020.

PRANDI, R. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SAVEDRA, A. P. M.; DANILLE, P. P. P. Axé do meu axé: Uma Perspectiva Freiriana sobre o Papel do Candomblé em uma Educação Libertadora. **Sacrilegens**, v. 20, n. 1, 2023.

SILVEIRA, D. P. da; LORENZETTI, L. Estado da arte sobre a educação ambiental crítica no Encontro Pesquisa em Educação Ambiental. **Prax. Saber**, Tunja, v. 28, pág. 88-102, abril de 2021.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Encantamento**: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

VERGER, P. F. **Ewé**: o uso das plantas na sociedade ioruba. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VERRANGIA, D. Conhecimentos tradicionais de matriz africana e afro-brasileira no ensino de Ciências: um grande desafio. **Revista África e Africanidades**, ano 2, v. 8, n. 01-14, 2010.

VERRANGIA, D.; SILVA, P. B. G. Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafios e potencialidades do ensino de Ciências. **Educação e Pesquisa**, v. 36, p. 705-718, 2010.

VERRANGIA, D. A formação de professores de ciências e biologia e os conhecimentos tradicionais de matriz africana e afro-brasileira. **Magis, Revista Internacional de Investigación en Educación**, v. 6, n. 12, p. 105-117, 2013.

